

PRINCÍPIOS DO SLOW TRAVEL APLICADOS AO LAZER TURÍSTICO CONTEMPORÂNEO

Rafael Chequer Bauer¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP
São Paulo - Brasil

Alexandre Panosso Netto²

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH-USP
São Paulo - Brasil

RESUMO: O presente artigo apresenta o conceito *Slow Travel*, uma modalidade de viagem baseada em uma nova perspectiva de aproveitamento turístico pautado em um ritmo mais cadenciado, profundo e qualificado de visitação. Pretende-se, assim, discutir o contexto de surgimento deste fenômeno e sua matriz ideológica pautada na contestação dos valores industriais, especialmente à aceleração desmedida da sociedade moderna, além de sua aplicação ao universo do lazer e das viagens. Por fim, apresentam-se suas características principais, desdobramentos e perspectivas de desenvolvimento, especialmente no Brasil.

Palavras-chave: Slow Travel. Slow Movement. Temporalidades. Turismo. Brasil.

PRINCIPLES OF SLOW TRAVEL APPLIED TO TOURIST LEISURE CONTEMPORARY

ABSTRACT: The article shows the concept of *Slow Travel*, a travel's modality based in a new perspective of touristic use considering a slowdown style. In this way, the paper analyses the context of growing and development about *Slow Travel*, including its ideological matrix based in industrial revolution's contestation, specially about the acceleration noted at contemporary society and its application inside the leisure and travel universes. At least, shows the main characteristics of *Slow Travel*, and its perspectives of development, mainly in Brazil.

Keywords: *Slow Travel*. *Slow Movement*. *Temporalities*. *Tourism*. *Brazil*.

PRINCIPIOS DEL SLOW TRAVEL AL ÓCIO TURISTICO CONTEMPORÁNEO

RESUMEN: Este artículo presenta el concepto *Slow Travel*, una forma de viajar basada en un nuevo punto de vista de la explotación turística más rítmica, profunda y cualificada de visitas. Se pretende, por lo tanto, promover una discusión acerca del contexto de la aparición de este fenómeno y de su matriz ideológica de impugnación a los valores industriales, sobre todo ante la aceleración desenfrenada de la sociedad moderna y su aplicación en el mundo del ocio y los

¹ Professor do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do IFSP-SPO; mestrando em Estudos Culturais na EACH-USP.

² Livre-docente pela USP e professor no curso de graduação em Lazer e Turismo, no mestrado em Estudos Culturais e no mestrado em Turismo da EACH-USP, sendo coordenador deste último.

viajes. Finalmente, se presentan sus principales características, la evolución y las perspectivas para el desarrollo, especialmente en Brasil.

Palabras-clave: Slow Travel. Slow Movement. Temporalidades. Turismo, Brasil.

Introdução

O Lazer e o Turismo contemporâneos estão intimamente relacionados com os valores-base e desdobramentos da chamada Revolução Industrial, influenciando e sendo influenciados de modo determinante por tal fenômeno.

Tal fato colaborou com o surgimento e valorização de um período da vida denominado Tempo Livre, um momento apenas desvinculado das obrigações, sejam elas sociais/familiares, profissionais, educacionais, políticas e/ou religiosas (CAMARGO, 2003). Assim, o citado autor conclui que aquilo que predominaria na sociedade atual como possibilidade de usufruto do lazer é, apenas, o chamado Tempo Liberado, isto é, um intervalo temporal pré-determinado e vinculado às atribuições cotidianas funcionando essencialmente como instrumento de compensação e escape.

O citado autor ainda destaca o Turismo, como uma das modalidades mais relevantes de aproveitamento do lazer nos dias atuais, considerando-o como um de seus critérios principais de classificação. Desta forma, ele complementa a classificação de atividades de lazer proposta por Joffre Dumazedier, que considera as atividades físicas, intelectuais, associativas, artísticas e manuais como expressões marcantes do uso do tempo liberado das obrigações. Independente da motivação principal, o fato é que o lazer contemporâneo está compartimentalizado por um cenário predominante de aprisionamento temporal, contrapondo inclusive alguns de seus preceitos fundamentais: o caráter libertário e espontâneo.

Assim, diante desse cenário e da necessidade de compreensão de alternativas de aproveitamento de momentos dissociados das obrigações, o presente artigo tem como premissa apresentar e discutir as principais facetas do chamado *Slow Travel*³ (viagem lenta ou devagar) e sua aplicabilidade no atual cenário de usufruto do chamado lazer turístico, marcado predominantemente pela lógica do capitalismo industrial.

Para tal, o trabalho procura salientar aspectos relacionados à sua concepção, conceituação, abrangência e perspectivas no cenário turístico e de lazer do início do século XXI, especialmente no Brasil.

Cumprê realçar que se trata de um tema pouco difundido no país. Isto pode ser comprovado pelo número diminuto de livros e artigos científicos sobre tal assunto, especialmente em idioma português. Contudo, o mesmo se apresenta como relevante e atual, pelo fato de a busca dos viajantes por experiências autênticas, equilibradas e

³ Na literatura acadêmica *slow travel* (“viagem lenta/devagar”) e *slow tourism* (“turismo lento/devagar”) são considerados sinônimos.

profundas de viagem estar aumentando significativamente, gerando um incremento de interesse acadêmico e mercadológico sobre o assunto e seus desdobramentos.

O *Slow Travel* é, em primeiro lugar, mais que um segmento de turismo e/ou uma modalidade de lazer. Trata-se de um novo conceito de viagens, de diversão e de aprendizado, filosoficamente pautado em questionamentos sobre o modo tradicional de se fazer e vivenciar turismo, que expressa e incentiva uma crescente mudança de comportamento de muitos viajantes, notadamente na última década do século XX e no início do século XXI. Tal fenômeno se apresenta, em sua essência, como contraponto aos valores industriais predominantes durante todo o século XX, especialmente a aceleração desmedida da sociedade, a qual trouxe reflexos para o modo de vida e de produção naquele período, com importantes consequências no âmbito do turismo.

É preciso salientar que essa nova perspectiva prática e teórica em relação ao lazer e ao turismo não nasceu da noite para o dia. Para compreender sua origem e seus mecanismos de desenvolvimento é preciso enxergá-lo como uma consequência da saturação de um modelo de sociedade disseminado a partir do século XVIII com o advento da Revolução Industrial no Ocidente, o qual se consolidou nos séculos XIX e XX. A visão industrial de mundo apresenta, desde então, alguns valores-base, tais como: massificação, padronização, mercantilização e aceleração. Tais elementos tornaram-se paradigmas da sociedade moderna, e não por acaso ainda ditam as regras do fenômeno turístico e de lazer contemporâneos.

Nesse contexto, vale destacar que a visão utilitarista, economicista e acelerada do lazer turístico ajudou a transformar muitos cidadãos em turistas nas últimas décadas, mas também levou boa parte dos mesmos à condição de reféns de um processo frenético e pasteurizado de experimentação de viagens. Assim, o modelo industrial de viagens passou a ser questionado, criticado e, paulatinamente, transformado e/ou substituído, ainda que seja predominante até os dias atuais⁴.

Um dos primeiros estudos críticos à forma massificada, mercantilizada, padronizada e acelerada de se fazer viagens foi feito pelo suíço Jost Krippendorf. Em 1984, o autor publicou seu mais conhecido livro, *Die Ferienmenschen. Für ein neues Verständnis von Freizeit und Reisen*⁵. Nesta obra, lançada em português em 1989 e reeditada em 2004, estão as 23 “teses para a humanização da viagem”, sendo que ao menos três das mesmas se aproximam consideravelmente dos valores atuais apregoados pelo chamado *Slow Travel*. São elas: (18) “viajar com moderação: menos longe – com menos frequência – pular menos de um lugar para o outro – ficar em casa

⁴ Essa pasteurização das viagens já havia sido denunciada e ridicularizada pela indústria cinematográfica da década de 1960, com filmes como “El turismo es un grand invento” e “If it’s Tuesday, this must be Belgium”.

⁵ Em português direto uma tradução livre “O Homem Férias: para uma nova compreensão do lazer e das viagens”, mas que acabou tendo a primeira parte do título publicada como “Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens”, buscando uma visão mais mercadológica. Em francês a primeira parte desta obra foi publicada como “*Les vacances, et après?*”, algo como “As férias, e depois?”. Curiosamente, em inglês, tal parte inicial do título foi traduzida como “*The holiday makers*”, algo como os “Fabricantes de férias”, frase que é mais fiel ao título da versão original, escrita em alemão; porém, o subtítulo em inglês foi “*Understanding the Impact of Leisure and Travel*”, ou seja, bem diferente da versão original.

de vez em quando”; (21) “incitar as pessoas em férias a viver e agir de forma diferente”; (23) “aprender a viajar – preparar e educar os seres humanos para a viagem”.

A crítica que Krippendorf (2004) desenvolveu poderia ser chamada de ‘manifesto para um novo turismo’, ou simplesmente ‘a base conceitual do *Slow Travel*’. O citado autor traz muitas ideias e valores então inovadores, os quais podem ser intitulados como preceitos pós-industriais de viagens.

A partir de então, tornaram-se cada vez mais comuns discussões sobre impactos negativos das práticas do turismo de massa, exclusão das comunidades locais nos processos de gestão dos recursos, e novas formas de produzir e vivenciar turismo, pautando-se invariavelmente em novas e melhores maneiras de se aproveitar recursos e interesses. Em outras palavras, pode-se afirmar que a busca pela sustentabilidade do negócio e da própria experiência turística é uma das questões mais relevantes do fenômeno de viagens colocada cada vez mais em pauta pelo mercado, pela academia e pela sociedade em geral nas últimas décadas. Neste sentido, o *Slow Travel* oferece relevante contribuição teórica e prática.

Na década de 1990, logo após a expansão de veementes críticas ao turismo de massa, às quais Jafari (1994) caracterizou como fazendo parte de uma plataforma de advertência às práticas de turismo, surgiram ou se consolidaram propostas alternativas de se conceber viagens, tais como: ecoturismo, turismo verde, turismo sustentável, turismo responsável, turismo leve, turismo alternativo, turismo de nichos, turismo rural, turismo comunitário, novo turismo, turismo brando, etc.

O *Slow Travel*, neste contexto, apresenta-se como um fenômeno determinante de uma parcela da sociedade que não aceita os valores industriais de modo dogmático, especialmente no usufruto de seu tempo livre. Seus princípios são pautados na possibilidade de se aproveitar uma viagem de modo mais calmo, equilibrado, profundo, autêntico e responsável.

Para muitos autores e estudiosos as novas modalidades de viagem tratam-se, portanto, de uma legítima manifestação coletiva de contestação aos valores da sociedade capitalista industrial. Neste sentido, convém lembrar que o *Slow Travel* é um desdobramento do *Slow Movement*⁶ (“Movimento Devagar”, em português). Este, por sua vez, também pode ser considerado como consequência das mobilizações coletivas de contracultura emergentes nas últimas décadas do século XX, tal qual o ambientalismo e o feminismo.

Neste contexto, obviamente as viagens lentas não podem ser consideradas como o único ou mais importante movimento de âmbito crítico da atualidade, nem mesmo no âmbito das viagens/lazer. Por outro lado, não podem ser ignoradas, uma vez que são um fenômeno crescente e em sintonia com novas projeções do contexto turístico contemporâneo e futuro.

⁶ Do *Slow Movement* também surgiram vários outros movimentos, tais como o *Slow Food*, *Slow Science*, *Slow Cities*, *Slow Sex*, *Slow Work*, *Slow Schooling*.

A sacralização do tempo

O elemento-chave associado ao *Slow Travel* é o tempo, considerado um dos valores mais preciosos da sociedade contemporânea⁷. O relógio estabelece limites comportamentais essenciais à dinâmica social, com consequências ao universo das viagens. Durante muito tempo o único objeto que o homem levava consigo era o relógio (do mesmo modo que hoje está quase permanentemente conectado ao telefone celular e à internet).

Pode-se dizer, inclusive, que se vive nos dias atuais em um período histórico de sacralização do tempo e de culto à velocidade. Contudo, a sociedade nem sempre estabeleceu esta relação com sua temporalidade.

De acordo com Waldman (1995) nas sociedades pré-modernas os caçadores-coletores buscavam essencialmente aquilo que lhes garantia sobrevivência, desenvolvendo uma relação essencialmente ecológica com o tempo e o espaço. Já Ribeiro (1998), ressalta novas formas de relação do homem com questões espaço-temporais a partir de processos marcantes de transformação de determinadas organizações sociais, que intitula Revoluções. A primeira e mais marcante delas estabeleceu as primeiras referências de sedentarismo, estratificação, monetarização e procedimentos de dominação há aproximadamente dez mil anos, quando algumas civilizações desenvolveram inéditos mecanismos de intervenção na natureza vinculados ao tempo e ao espaço.

Muitos autores afirmam que a Revolução Industrial deva ser considerada o marco determinante na devoção à velocidade. Um exemplo é citado por Garcia (2001), que ressalta uma importante mudança de comportamento nas nações proto-industrializadas a partir do século XVIII: “[...] descobriu-se que se podia fazer com que os seres humanos trabalhassem pelo tempo do relógio. O tempo se converteu assim em um bem precioso do qual se queria ter cada vez mais e mais” (GARCIA, 2001, p. 3). O mesmo autor ressalta ainda que o paradigma da Idade Moderna é o relógio mecânico e não a máquina a vapor: “[...] é precisamente a uniformidade e indiferença de um fluxo de tempo linear e mensurável o que permite qualquer manipulação, separação, condensação, precisão, standardização, etc”. (GARCIA, 2001, p. 3).

Tal mudança de valores se manifesta no âmbito do lazer, constituindo uma nova concepção de uso do tempo, compartimentalizado e separado a partir de então em tempo de trabalho e tempo livre. Morin (1969, p. 67) apresenta relevante contribuição sobre o assunto, salientando que o lazer e o turismo modernos são frutos da dinâmica social em questão que coloca o trabalho como elemento norteador: “[...] O lazer moderno

⁷ Em nosso ponto de vista os três bens mais caros nas sociedades industrializadas atuais são o tempo, o espaço e o silêncio. São elementos que nem sempre o dinheiro pode comprar.

não é apenas o acesso democrático a um tempo livre que era o privilégio das classes dominantes. Ele saiu da própria organização do trabalho burocrático e industrial”.

Assim, os valores que passam a direcionar a sociedade moderna a partir da Revolução Industrial (com claras influências na sociedade pós-industrial) são a velocidade e a aceleração crescentes. A partir do século XIX até os dias atuais, os veículos de comunicação e de transporte diminuíram distâncias, ampliaram informações e tornaram a dinâmica da sociedade essencialmente frenética, com reflexos determinantes ao universo das viagens.

A construção de um modelo pós-industrial de sociedade e de viagens

O modelo de viagens massificadas, com significado superficial, acelerado e artificializado deu sinais de esgotamento. A recente crise do sistema capitalista, manifestada ainda no século XX a partir das Guerras Mundiais, dos colapsos econômicos e dos desequilíbrios ambientais, sociais e políticos, fez com que considerável parcela da sociedade passasse a questionar o modelo societário vigente, com reflexo no turismo contemporâneo.

Os movimentos contestatórios têm se desenvolvido nos últimos anos, inclusive, no âmbito do turismo. De acordo com Guimarães (2011, p. 13) “[...] em função das dimensões contemporâneas do capitalismo, associadas à velocidade dos processos de produção e consumo, os deslocamentos humanos também são afetados, assim como a subjetividade”. Isto significa que os processos de escolha de destinos e experiências turísticas sofreram invariavelmente nas últimas décadas uma clara influência da chamada indústria cultural, afetando a dinâmica das viagens em todo o planeta. Entre os autores que abordam o processo de mercantilização das relações sociais, aplicável ao turismo, estão Arins e Van Bellen (2009).

A sociedade objetiva o sistema produtivo e as relações de consumo e esquece seus resultados. A degradação ambiental, o comportamento predatório e a desigualdade social são efeitos da relação homem e meio ambiente subordinada ao mercado. Este contexto estabelece uma relação entre economia e sistema social na relação de mercado, no qual a sociedade é uma parte do mercado ao invés da economia pertencer às relações sociais (ARINS; VAN BELLEN, 2009, p. 17).

A predominante essência capitalista industrial costuma se aplicar em diversas vertentes culturais, incluindo o próprio turismo, que é um fenômeno social, cultural e econômico massificado e globalizado muito dependente de fatores mercadológicos e tecnológicos, já destacados como pilares do modelo societário predominante.

A própria condição de efemeridade e frivolidade do turismo é discutida também sob a ótica do viajante, que para alguns pensadores apenas cumpre um papel social temporário, conforme Guimarães (2011, p. 17): “[...] Os turistas, entre outros tipos de

“sujeitos móveis”, aparecem enquanto um ‘objeto’ de estudo desterritorializado, o que implica em uma condição de efemeridade, pois não se ‘é turista’, mas se ‘está turista’, em dado tempo e lugar”.

Esta condição gera uma série de comportamentos atrelados à temporalidade, como a busca de experiências de viagem intensas, capazes de aliviar as angústias cotidianas de modo quase instantâneo. Algo que, invariavelmente, não funciona, pelo simples fato que é preciso tempo para desligar-se da condição mecanizada imposta no cotidiano da maioria das pessoas para, a partir de então, se mergulhar na condição de viajante, descobridor de mundos exteriores e interiores.

Com tudo isso, o turismo, assim como outros fenômenos contemporâneos, parece vivenciar um período histórico de conflito de valores. De um lado, a imposição consolidada da visão industrial, pautada em valores mercantis de produção em massa, tensão entre dominantes e dominados, artificialização das relações humanas e coisificação da cultura, ainda dominam a maioria das relações entre visitantes e visitados. Em contrapartida, as transformações ensejadas por movimentos contestatórios como o *Slow Travel* são, ao mesmo tempo, propostas de inovação das dinâmicas socioculturais intituladas pós-industriais e a retomada de valores pré-industriais, como destaca Castells (1999) ao afirmar que há uma velha-nova perspectiva de valorização crescente dos núcleos comunitários e dos processos de construção e disseminação ideológicas construídas de modo horizontal e não vertical, como prevalecera na visão industrializadora.

Castells (1999) destaca que a resistência cultural manifestada em diferentes pequenas escalas (individual, micro comunitária, urbe-comunitária, entre outras), gera um sentimento de pertencimento e leva à formação de uma identidade cultural, não raro comunal. Ainda segundo Castells (1999, p. 65), “[...] para que isso aconteça, faz-se necessário um processo de mobilização social, isto é, as pessoas precisam participar de movimentos urbanos (não exatamente revolucionários)”.

Assim, os movimentos sociais urbanos, difusos, fragmentados, informalizados e, por vezes, contraditórios, representariam a mais recente e possivelmente relevante reação aos processos de dominação e exploração, alimentadas pelo sistema político-ideológico em vigor. Seria, segundo o citado autor, uma espécie de sintoma de nossa própria crise ideológica, a qual, por sua vez, parece ser fundamental para a reconstrução das identidades e consequente transformação da sociedade.

Vivenciamos no último quarto de século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. Essas expressões encerram acepções múltiplas, são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como às fontes históricas da formação de cada identidade. Incorporam movimentos de tendência ativa voltados à transformação das relações humanas em seu nível mais básico, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo. Mas incluem também ampla

gama de movimentos reativos que cavam suas trincheiras de resistência em defesa das categorias fundamentais da existência humana milenar (CASTELLS, 1999, p. 68).

Nesse sentido, a consolidação de uma perspectiva pós-industrial de sociedade se faz presente e necessária, sendo a ascensão do Movimento *Slow* um dos sintomas mais representativos dessa transformação em diversas esferas, incluindo o *Slow Travel*, que o representa em termos turísticos.

Slow Movement e seus desdobramentos

A contextualização ajuda a compreender como emergiu o fenômeno do *Slow Movement*, manifestado na esfera do turismo através do *Slow Travel*. É preciso, a partir de então, convencionar seus princípios e práticas.

O *Slow Movement* aparece com destaque nos últimos anos, pela sua autenticidade tanto em termos de ideologia como em relação a sua estrutura organizacional - pautada na construção de redes comunitárias e desenvolvimento de grupos de trabalho e estudo; pelo rápido crescimento e reconhecimento obtido em diversos países nos últimos anos; e pelo fato de tratar de um tema de grande interesse aos dias atuais – a recuperação da qualidade de vida através do reequilíbrio em diversas perspectivas, tendo como elemento central uma nova relação com a temporalidade.

Desta maneira, coloca-se como uma filosofia avessa aos impactos negativos da globalização econômica e cultural, especialmente no que concerne aos desequilíbrios gerados pela aceleração desmedida dos procedimentos e relações sociais. O movimento propõe, ao menos em tese, nova relação do homem, consigo, com seu meio, seus sistemas de produção, de concepção de valores e de ordenamento institucional, tudo isso a partir da transformação da relação da sociedade com o tempo.

Além disso, é importante salientar que muitas das correntes ideológicas contemporâneas de contracultura, entre as quais se situa tal movimento, se constituem de modo orgânico, flexível, com elementos complementares entre si que combinam intuição e razão; subjetividade e objetividade; rigor científico e flexibilidade metodológica; algo bastante relacionado ao atual processo histórico de desconstrução de paradigmas culturais pautados na lógica industrial, em um contexto transitório para uma pretensa sociedade pós-industrial. Em outros termos, a abordagem essencialmente utilitarista, pragmática, positivista e sistêmica não representa por si a única nem a melhor forma de buscar sua essência epistemológica. Conforme Castillo Nechar e Panosso Netto (2010) propõem, ainda que tais elementos tradicionais não devam ser descartados, estes devem ser complementados por uma visão mais flexível e multifacetada enquanto fenômeno cultural vigente.

O *Slow Movement*, propriamente dito, surge no último quarto do século XX. Tal movimento não desponta de modo plenamente estruturado ou coletivizado. Ele é

resultado de reações pontuais de pessoas ou pequenos grupos nos mais diversos segmentos da sociedade.

Do ponto de vista conceitual, vale destacar a análise de Arins e Van Bellen (2009):

O objeto de estudo (movimento slow) é percebido como resposta à lógica produtiva incrustada no estilo de vida das sociedades. Como movimento social, propõe a transição de uma sociedade com modelos culturais guiados pela eficiência e pela síndrome do tempo para uma sociedade com modelos mais holísticos e integrativos. Suas ações partem de um manifesto que critica a lógica da eficiência no cotidiano da vida social e o diagnóstico de suas mazelas, propondo a mudança de comportamento e a ressignificação de valores da sociedade (ARINS; VAN BELLEN, 2009, p. 19).

No âmbito ideológico, tal conceituação se aproxima da reflexão apresentada por Naigeborin (2011) em que se estabelece como alternativa de desenvolvimento sociocultural. A citada autora afirma que “O Movimento Devagar representa uma tentativa de conscientização e estímulo às pessoas, mostrando que existe outro caminho, uma alternativa para viver com mais qualidade neste contexto onde o turbo-capitalismo tem um custo humano muito alto” (NAIGEBORIN, 2011, p. 32).

Como pressuposto, o movimento não pretende negar a velocidade, mas propõe uma relação mais saudável com a mesma, como afirma Honoré (2006, p. 38):

Apesar do que dizem os críticos, o Movimento Devagar não está preocupado em fazer as coisas em ritmo de cágado. Nem é uma tentativa como o movimento luddita⁸, que outrora tentou arrastar todo o planeta de volta a uma utopia pré-industrial. Pelo contrário, o movimento é constituído de pessoas como você e eu, pessoas que querem viver melhor no moderno mundo da velocidade. Por isto é que a filosofia Devagar pode ser resumida numa única palavra: equilíbrio.

Com relação à abrangência e desdobramentos do *Slow Movement*, convém realçar que cada vertente do mesmo apresenta um estágio de desenvolvimento e inclusão social particular, o que dificulta, inclusive, o estabelecimento de critérios de classificação ou hierarquização de sua importância.

Do ponto de vista didático-metodológico uma considerável referência é colocada por Arins e Van Bellen (2009), através de quadros-síntese que abordam comparativamente os valores da sociedade industrial e do *Slow Movement*, em relação aos estilos de vida; modelos culturais e estruturas de consumo:

⁸ Movimento Luddita ou Ludista foi inspirado no líder operário inglês Ned Ludd, eclodindo no início do século XIX como contestação aos avanços tecnológicos ocorridos na Revolução Industrial, especialmente contra a substituição da mão-de-obra humana pelas máquinas. Disponível em: <http://srv.emc.ufsc.br/nepet/Seminarios/2012_2/Rev_industrial_Fabricio_Vinicius.pdf>. Acesso: 21 maio 2013.

Quadro 1: Estilos de Vida

Valores da Sociedade Industrial	Valores do <i>Slow Movement</i> (Pós-industriais)
Uso do tempo aprisiona	Uso do tempo liberta
Expansão	Conservação
Competição	Cooperação
Dominação	Parceria
Quantidade	Qualidade
Eficiência é fim	Eficiência é meio

Fonte: Adaptado de Arins e Van Bellen (2009, p.3).

Quadro 2: Modelos Culturais

Valores da Sociedade Industrial	Valores do <i>Slow Movement</i> (Pós-industriais)
Auto afirmativo	Intuitivo
Racional	Sintético
Linear	Não linear
Reducionista	Holístico

Fonte: Adaptado de Arins e Van Bellen (2009, p.3).

Quadro 3: Estruturas de Consumo

Valores da Sociedade Industrial	Valores do <i>Slow Movement</i> (Pós-Industriais)
Predatório	Colaborativo
Ter > Ser	Ser > Ter
Alienador	Emancipador
Consumo material supre necessidades não materiais	Faz-se distinção de necessidades materiais e não materiais

Fonte: Adaptado de Arins e Van Bellen (2009, p.3).

Os mesmos autores servem de referência para elucidar a abrangência do fenômeno *Slow*.

Encontraram-se quatorze movimentos sociais com características *slow* e crítica à conduta mecanicista. Para a seleção dos movimentos pesquisados, delimita-se como critério o tamanho do movimento considerando a sua abrangência e a penetração social, diagnosticados por: (a) abrangência geográfica em atividades; (b) número de participantes; (c)

tempo de existência (ano de fundação) e atividades realizadas (descritas na análise material). Mesmo com esses critérios, percebeu-se a não formalidade de controle dos membros dos movimentos que, com exceção do Slow Food e Cittaslow, não registram seus participantes, apenas controlando o fluxo de visitas através da página virtual.

Com tudo isso, cumpre apresentar algumas referências essenciais das duas vertentes mais exitosas do Movimento *Slow*. A primeira expressão cultural de contestação ao culto velocista atrelado à filosofia lenta se deu na esfera da alimentação, com o surgimento, em 1986, do Movimento *Slow Food* na Itália. Este se baliza na rejeição à tendência de padronização alimentar mundial, especialmente aquela vinculada ao *fast food*, defendendo a necessidade de informação entre os consumidores, tornando-os coprodutores. Incentiva ainda o direito ao prazer da alimentação, através do uso de produtos artesanais qualificados, elaborados de maneira a respeitar tanto o meio ambiente quanto as pessoas que cuidam de sua produção (SLOW FOOD BRASIL, 2013).

Segundo a citada entidade, o movimento conta com mais de 100.000 membros e possui escritórios em diversos países, tais como: Itália, Alemanha, Suíça, EUA, França, Japão e Reino Unido. Cerca de 150 países possuem apoiadores e/ou entusiastas do *Slow Food*, algo que ocorre, inclusive, no Brasil, através de Movimento Slow Food Brasil. Tudo isso o torna o mais representativo movimento contestatório no âmbito do *Slow Movement*.

Já o Movimento *Cittàslow/Slow City* (Cidades Lentas, na tradução literal) possuem uma terminologia menos óbvia no Brasil, de acordo com sua origem idiomática, que é anglo-italiana. São traduzidas como “Cidades do Bem Viver”, em alusão ao termo italiano *Città del buon Vivere*.

O Movimento das Cidades do Bem Viver surgiu em 1999 sob a ideia central de promover um desenvolvimento diferente para as cidades, com a premissa de melhorar a qualidade de vida da população local a partir de uma nova relação com o espaço, o tempo e o próximo. Em 2013 havia 168 intituladas cidades do bem viver, distribuídas em 11 países. Para receberem tal chancela elas passam pela avaliação da entidade representativa do movimento, tendo que cumprir mais de 50 requisitos vinculados à conservação ambiental, ocupação racional do espaço, uso sustentável de tecnologias, fortalecimento da cadeia produtiva local e saudável, valorização das tradições culturais e identidades locais, hospitalidade, e conscientização e participação comunitária (CITTÀSLOW, 2013).

Em contrapartida, conforme Arins e Van Bellen (2009), o *Slow Travel* pode ser considerado um movimento ainda em vias de formalização, mas de relevante abrangência e influência ideológica. A seguir pretende-se facilitar o entendimento de sua dimensão e dinâmica.

Slow Travel: dimensão e dinâmica

O Movimento Slow Travel Portugal (2012) traz uma clara e abrangente definição acerca do *Slow Travel*:

“[...] pode ser definido como a oportunidade do visitante em se tornar parte integrante do destino, contatando com a população e com o território, num ritmo adequado à apreensão da cultura local. Este movimento silencioso contraria o estilo de turismo que se afirmou no século passado, ou seja, os charters turísticos, os all-inclusive, as excursões programadas e planejadas, os horários, etc. O “Slow Travel” valoriza a estada prolongada, com tempo suficiente para ir mais além do que o “must see⁹”. Contatar com espaços locais, de pequena dimensão, com os produtores, com os mercados, com as populações, visitar aquela pequena igreja ou restaurante que não constam dos guias, ou seja, explorar, descobrir, usufruir, são os princípios do “Slow Travel”. O “Slow Travel” é uma “forma de estar” que surge como um contra-ciclo ao que é estipulado pelos grandes operadores turísticos”.

Assim, a primeira impressão que muitos podem ter em relação ao *Slow Travel* é que seria uma modalidade de viagem aplicável somente em ambientes com baixa densidade populacional, como as destinações rurais. Todavia, seu conceito é aplicável a qualquer espaço, conforme destaca a entidade lusitana citada.

De acordo com o Global Trends Report 2008 (*apud* Slow Travel Portugal, 2012) o Movimento *Slow Travel* tende a se afirmar nos próximos anos como um padrão de comportamento crescente em viagens, conforme destacado:

A atual conjuntura econômica e o debate sobre as alterações climáticas vêm reforçar o potencial de crescimento deste mercado, sugerindo aos destinos a aposta de produtos que os valorizem. Uma vez que se assume como um movimento alternativo aos padrões turísticos atuais, o “Slow Travel” não é uma moda, mas sim um estilo de vida baseado nos novos padrões comportamentais assumidos por uma sociedade responsável (GLOBAL TRENDS REPORT, 2008, *apud* SLOW TRAVEL PORTUGAL, 2012).

Entre as ações vinculadas a um turista *slow*, destacam-se: “Tornar-se parte do local que se visita, apreciar as esplanadas¹⁰. Conversar com quem ali vive, procurar entender as pessoas, os modos de viver, os espaços. Escolher os locais com que mais nos identificamos e passar lá horas. Conhecer a pé, de bicicleta, de comboio. Participar das atividades locais, contribuir para o seu desenvolvimento.” (SLOW MOVEMENT PORTUGAL, 2012).

⁹ Must See: do inglês, “Aquilo que se deve ver, contemplar”. É uma expressão utilizada no âmbito do turismo referente aos atrativos consagrados, que geralmente são procurados de forma ávida por visitantes interessados no status de ter passado e fotografado aquele local, sem usufruí-lo com a calma e profundidade devidas.

¹⁰ Esplanadas: termo utilizado em Portugal, cujo similar no Brasil seria “paisagens”.

Tais referências se aproximam daquelas apresentadas pela Associação Internacional do Movimento Devagar (SLOW MOVEMENT INTERNATIONAL, 2013), a qual aponta como aspectos inerentes ao *Slow Travel* a oportunidade de se conectar a um lugar e seu povo, imergindo na cultura alheia; explorar com detalhes os arredores do local de estada, sentir-se confortável por estar um local despojado e aconchegante de hospedagem; e/ou envolver-se com uma causa local, como um trabalho voluntário, gerando uma nova modalidade de viagem: o “volunturismo¹¹”. (SLOW MOVEMENT INTERNATIONAL, 2013).

Por fim, segundo a Entidade Europeia de Viagens Lentas (SLOW TRAVEL EUROPE, 2013) existem alguns princípios para se realizar uma Viagem Lenta. Essas contemplam a mudança do estado mental para se viajar, preparando-se para a ocasião sem ansiedade; o uso de meios de transporte mais lentos, ecológicos, coletivizados e com possibilidades de contemplação paisagística profunda; visitas a estabelecimentos locais, como cafés, lojas e mercados; envolvimento com o idioma local; procurar opções de lazer vivenciadas pelos próprios moradores; retribuir afetivamente o intercâmbio humano estabelecido.

Considerações Finais

O Movimento *Slow Travel* é um fenômeno sociocultural recente sem uma estrutura organizacional e ideológica tradicional, mas que apresenta consonância com algumas correntes de contestação à lógica industrial predominante, bem como com algumas correntes de pensamento da sociologia do lazer e do turismo apresentadas nas últimas décadas.

Entre elas destacam-se as seguintes necessidades, nos rumos de uma civilização mais equilibrada e responsável:

- a) Transformar-se, de fato, em uma Civilização do Lazer e não somente em uma Sociedade do Tempo Livre (DUMAZEDIER, 1979);
- b) Recuperar o princípio da moradia acolhedora para depender menos da viagem como válvula de escape (KRIPPENDORF, 2004);
- c) Viajar menos e com mais qualidade (KRIPPENDORF, 2004);
- d) Valorizar do turismo enquanto experiência autêntica e memorável (PANOSSO NETTO e GAETA, 2010) e;
- e) Estabelecer como parâmetro de uma nova sociedade os valores pós-industriais de feminilidade, acolhimento, multifuncionalidade, sustentabilidade, emotividade e qualidade, em contraposição ao paradigma da separação e padronização das relações culturais inerentes à industrialização (DE MASI, 2000).

¹¹ “Volunturismo”: do inglês, “voluntourism”, seria algo como viajar tendo como motivação principal alguma ação voluntária, uma ocupação em prol das pessoas da localidade visitada.

É importante salientar que o assunto tem recebido pouca atenção da comunidade acadêmica, especialmente no Brasil, tanto pela complexidade de identificação e mensuração de seus impactos, quanto pela cultura consumista alienante ainda predominante no país, com reflexos na atividade turística.

Assim, o presente artigo procurou contextualizar esta nova forma de pensar e fazer turismo, considerando que a mesma não pode ser desconsiderada em termos acadêmicos e mercadológicos, especialmente porque encontra um número crescente de adeptos e simpatizantes em todo o mundo. Mesmo que jamais venha a ser o modo predominante de realizar viagens, pela forte e profunda herança que da visão capitalista industrial, serve como contraponto aos desequilíbrios encontrados na sociedade de hoje, com consequências muitas vezes trágicas também para o turismo.

Por fim, não se pode esquecer que o Brasil, por sua tradição acolhedora, espírito comunitário, herança rural ímpar e diversidade cultural, paisagística e gastronômica, apresenta-se como uma das destinações-país com maior capacidade para desenvolver o *Slow Travel*. Regiões como as Serras Capixaba e Gaúcha e o Sul de Minas Gerais são exemplos de localidades que apresentam imenso potencial para a inserção formal dessa filosofia (ressaltando-se que, intuitivamente, alguns dos valores do *Slow Travel* já são aplicados em algumas localidades brasileiras).

Contudo, para o aproveitamento pleno de tal potencial será preciso superar a inércia governamental, a falta de conhecimento e articulação comunitária e o forte espírito consumista alimentado pelas lideranças políticas e econômicas do país nos últimos anos. Somente após um avanço em tais questões entende-se como viável o resgate e disseminação de uma velha-nova identidade, com reflexos positivos à dinâmica das viagens no Brasil: simples, autênticas, profundas e equilibradas, proporcionando o verdadeiro bem receber, usufruir, e viver.

A mudança existe e está em rumo. Devagar e sempre.

REFERÊNCIAS

ARINS, H. B.; VAN BELLEN, H. M. **Movimento Slow**: uma análise sob a ótica dos enclaves do eco desenvolvimento. Florianópolis: XI Encontro Nacional e I Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente. UFSC, 2009.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLO NECHAR, Marcelino; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología del turismo**: estudios críticos. México: Trillas, 2010.

CITTÁSLOW. Disponível em: <http://www.cittaslow.com/home/hva_er_cittaslow/>. Acesso em: Maio 2013.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. São Paulo: Sextante, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GARCIA, Vicente Romano. **Ordem cultural e ordem natural do tempo**. São Paulo: CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica, Cultura e Mídia, 2001.

GUIMARÃES, Vera. Globalização e mobilidade: as condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas. **Revista Contemporânea**, Juiz de Fora, ed. 18. v.9. n.2, 2011.

HONORÉ, Carl. **Devagar**: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade. Rio de Janeiro: Record, 2006.

JAFARI, Jafar. Cientificación del turismo, **Estudios y Perspectivas en Turismo**, n. 1, vol. 3, pp. 7-36.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão das viagens e do lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no Século XX** – o espírito do tempo I – neurose. São Paulo: Forense Universitária, 1969.

MOVIMENTO SLOW. Disponível em: <<http://movimientoslow.com/pt/filosofia.html>>. Acesso em: Set.2012.

NAIGEBORIN, Mariana Barrichello. **O Movimento devagar e seu significado plural na contemporaneidade mutante**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SLOW FOOD BRASIL. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com>>. Acesso em: Maio 2013.

SLOW MOVEMENT INTERNATIONAL. Disponível em: <<http://www.slowmovement.com/>>. Acesso em: Maio 2013.

SLOW MOVEMENT PORTUGAL. Disponível em: <<http://www.slowmovementportugal.com>>. Acesso em: Set.2012.

SLOW TRAVEL EUROPE. Disponível em: <<http://www.slowtraveurope.eu>>. Acesso em: Maio 2013.

SLOW TRAVEL. Disponível em: <<http://www.slowtravel.com>>. Acesso em: Maio 2013.

WALDMAN, Maurício. Tempo, modernidade e natureza. Presidente Prudente, **Caderno Prudentino de Geografia** – Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.16, 1995.

Endereço para correspondência

R. Pedro Vicente, 625 Sala 305 - Coordenadoria de Turismo e Hospitalidade (CTH) - B. Canindé - CEP: 01109-010 - São Paulo - SP - Brasil.

Recebido em:

25/07/2014

Aprovado em:

31/07/2014